

O MALACOPTERÍGIO E A NOSSA SENHORA: DECALQUES SUPERPOSTOS E CONFLITANTES

Mário Cesar Newman de Queiroz
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

RESUMO

O ensaio centra-se na análise do poema “Alucinação à beira-mar”, procurando demonstrar como dois campos discursivos antagônicos, científico e religioso de extração popular, se reterritorializam, exemplarmente no texto, para termos um vislumbre da poética de “decalques” de Augusto dos Anjos, que antecipa procedimentos de *bricolage*.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto dos Anjos; poéticas modernas; poesia científica; simbolismo brasileiro

Proposição

Em 2004 defendemos a tese intitulada *Como os poetas morrem: constituição de subjetividade plural na poesia de Augusto dos Anjos*. Nela buscamos demonstrar como no *Eu* há a construção de um eu muito esquivo, de um eu que se afirma plural, que, numa conceituação deleuziana, reúne em si diferentes “pontos de vista individuantes” (DELEUZE, 1998, p. 133-134). Pontos de vista de matrizes distintas, como o do cientificismo de Ernest Haeckel, predominantemente, mas também do cientificismo de Herbert Spencer, bem como do manual de biologia de Le Dantec. E igualmente e antagonicamente, de matrizes religiosas budistas e cristãs, de um cristianismo brasileiro popular e “folclórico”; matrizes filosóficas de Schopenhauer, de Auguste Comte, dos pré-socráticos; de almanaques, de jogos de feira de quermesse, além de matrizes literárias as mais diversas. Misturas, enfim, de procedências diversas, do erudito e do popular; matrizes decalcadas nos poemas num jogo de citações e na construção de novas tópicas,

jogo que, para as estéticas modernas, chamariamos *bricolage*. Muitas vezes, todos esses elementos funcionam tais como *links* em um hipertexto, ou resumo de um texto transformado em soneto.

No entanto, se há a técnica de recortar e colar, de evidenciar fontes sistematicamente citando autores e conceitos, se há a mistura tão peculiar de erudito e popular, de científico e religioso, de refinamento e mau gosto, é de se observar que nada dessa mistura seria possível se não houvesse o recurso constante aos padrões técnicos da poética tradicional: o metro fixo, as formas prévias dos subgêneros líricos, o uso do decassílabo, do soneto, da estrofação regular, tudo configurando, enfim, um domínio técnico excelente da poética tradicional. Assim, Augusto dos Anjos faz um uso que remarca o território esperável do que é poesia, e, simultaneamente, o território de sua diferença, de quanto a poesia podia ser outra: seu “modernismo”.

No texto da tese, seguindo-se as citações, os *links*, empreendeu-se um rigoroso levantamento das fontes bibliográficas, culturais e folclóricas presentes e postas em decalques nos poemas de Augusto dos Anjos. Demonstramos que, em algum momento entre 1905 e 1912 (ano de publicação do *Eu*), a “poesia científica” de Augusto dos Anjos se consolida e se torna tão ímpar, transformando o cientificismo alusivo e genérico presente nos poemas escritos até por volta de 1905 na apropriação explícita de vocabulário científico, metáforas científicas, contextos e pensamentos extraídos de textos de divulgação científica ou de ensino em ciências, como vemos em 1912, no *Eu*. Esse novo procedimento tem uma possível data de início com o lançamento em língua portuguesa das obras de divulgação de Ernest Haeckel, *Os enigmas do universo*, *As maravilhas da vida*, *O monismo*, *Religião e evolução*, *Origem do homem*, a partir de 1908, pela livraria Chardron de Lello e irmão. Tais técnicas de apropriação se aplicarão também a outras fontes, mas, no caso das fontes científicas, elas remarcam o traço que Augusto e Martins Júnior consideravam o mais moderno de suas respectivas obras poéticas.

Neste ensaio, tentaremos apresentar, a partir da leitura do poema “Alucinação à beira-mar”, um exemplo da montagem de uma máquina literária, poética singular que faz da poesia do autor um acontecimento imediatamente reconhecível como poesia de Augusto dos Anjos. Máquina de tal modo produtiva que, uma vez assimilada, pode continuar produzindo poemas de Augusto dos Anjos para muito além

do criador da referida máquina, pastiche sobre pastiche, num circuito sem fim. Talvez os únicos outros autores no Brasil que sejam tão evidentemente construtores de máquinas tais sejam Euclides da Cunha e Guimarães Rosa.

O enigmático “malacopterígio subraquiano”

Um dentre os muitos termos que intrigam quantos leem os poemas de Augusto dos Anjos é um sintagma que aparece em “Allucinação à beira-mar”, *malacopterígios subraquianos*. Embora desconhecendo o significado das palavras, a posição e as relações que elas ocupam e estabelecem no período indicam, mesmo para um leitor não especializado em assuntos gramaticais, tratar-se de um substantivo composto seguido de um adjetivo. O que permite essa análise é a anteposição ao sintagma do artigo definido plural “os”; a situação de coordenação ou paralelismo com “alga”, palavra de uso mais frequente; a associação delas, juntamente com “alga”, a “corpos”, e o símile com o próprio “eu” que se manifesta no poema. A forma linguística desconhecida, então, aponta para uma possível forma viva que esclarece o sentido do termo “espécie” existente no verso subsequente, mas não se revela em sua significação a não ser pela indicação de tratar-se de uma forma de vida marinha, como podemos depreender do primeiro verso da última estrofe do poema, pois eles, os malacopterígios subraquianos, vivem, como as algas, no “eterno horror das convulsões marítimas”.

Um medo de morrer meus pés esfriava.
Noite alta. Ante o tellurico recórte,
Na diuturna discordia, a equorea cohorte
Atordoadoramente ribombava!

Eu ególatra scéptico, scismava
Em meu destino!... O vento estava forte
E aquella mathematica da Morte
Com os seus numeros negros, me assombrava!

Mas a alga usufrutuaria dos oceanos
E os malacopterygios subrachianos
Que um castigo de especie emmudeceu,

No eterno horror das convulsões marítimas
 Pareciam também corpos de vítimas
 Condennadas á Morte, assim como eu!
 (ANJOS, 1977, p. 128)

Um entendimento geral do poema pode se dar assim: durante uma noite tempestuosa, próximo ao mar, que lança fortes ondas contra a terra, o eu do poema, absorto em pensar seu próprio destino, está assombrado com a perspectiva da “Morte”, de sua própria morte. No entanto, é o “mas” que abre a evolução do poema nos dois tercetos finais, num movimento bastante usado por Augusto, de inclusão de uma adversativa para redirecionar o fluxo do pensamento. Em dado momento, a reflexão autocentrada do “ególata” em sua agitação semelhante à do mar borrascoso se abre para a percepção de que formas vivas marinhas sofrem naquela tormenta, e são, assim como ele, fadadas à morte. A presença da morte tem no poema o poder de produzir um descentramento do pensamento do eu em direção aos outros, engendrando assim uma solidariedade entre o “ególata” e a mais distinta forma viva. A exata apreensão do significado do substantivo “malacopterígio” não é, portanto, para um entendimento geral do poema, absolutamente necessária. Seria então este um soneto fraco, por conter palavras efetivamente desnecessárias, dois versos inteiros que poderiam ser substituídos, com lucro para a economia do poema? Estariam estas palavras ali postas apenas para demonstrar o poeta erudição?

Responder sim às duas questões postas acima é um caminho possível de análise. Mas tendemos aqui a dar uma negativa como resposta nos dois casos. Atentemos para a presença do último verso do primeiro terceto, “Que um castigo de espécie emmudeceu!”. Há muito mais nele do que um verso que não compreendemos se não soubermos o que é a forma de vida marinha dos malacopterígios subbraquianos. Ocorre aqui um fato sintático interessante: o verso funciona como uma oração subordinada adjetiva restritiva relacionada com os malacopterígios subbraquianos, mas não restringindo um conjunto específico destes no conjunto de outros da sua mesma espécie. Funciona a restringir o conjunto deles como espécie, excluindo-os das demais espécies, como a da “alga usufrutuária”, o que significa

dizer que aquela forma marinha específica falava, mas certo “castigo”, atingindo toda a sua espécie, a tornou muda. É no mínimo a mais alucinada das imagens deste poema, que tem por título “Alucinação à beira-mar”. Talvez o entendimento deste pequeno enigma de Augusto dos Anjos não deva ser inteiramente desprezível...

Na verdade, esses malacopterígios são um bom exemplo do procedimento poético de superposição e interligação dos mais diferentes decalques adotado por Augusto, mesmo dos mais antagônicos entre si, mesmo das mais diferentes concepções de pensamento e de “gosto”. Mas o que vem a ser, afinal, um malacopterígio subraquiano?

Conforme vimos demonstrando até aqui, o uso do vocabulário científico por Augusto dos Anjos não é despropositado. Muito embora a caracterização de Augusto como um poeta auditivo – proposta por M. Cavalcanti Proença (1976, p. 90), isto é, um poeta mais inclinado à melopeia, conforme o dizer de Ezra Pound – seja pertinente, observa-se também nele concessão de enorme importância ao pensamento, o que caracterizaria um predomínio da logopeia, imprimindo-lhe nos poemas caráter filosofante e cientificista, e, por isso, distinguindo-se seu texto por pronunciado empenho por alcançar precisão no vocabulário empregado. Neste caso, então, dos “malacopterígios” e do “castigo de espécie”, teríamos, ao contrário, mero apelo auditivo, massa sonora oportuna para a escansão rítmica?

Se nas obras de Ernest Haeckel podemos encontrar a grande maioria dos termos científicos presentes na obra de Augusto dos Anjos, desta vez o mesmo não se dá. Pelo menos nas obras de Haeckel que consultamos não encontramos nenhuma menção a esse termo. Na verdade, são bem poucos os vocábulos científicos e filosóficos pouco frequentes num linguajar mais comum¹ encontráveis em Augusto que não possam ser extraídos dos livros de Haeckel publicados pela Livraria Chardron de Lello & Irmão, em 1908.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), encontramos uma pequena entrada para o termo “malacopterígio”: “ANAT. ZOO cujos raios das nadadeiras são moles (diz-se de peixe)”; mas não encontramos nesta fonte o segundo termo do sintagma, “sub-raquiano”. “Raquiano” ou “raquidiano”, porém, é algo “relativo ou pertencente à raque (coluna vertebral)”, derivado do grego *rhákhis*, “espinha dorsal”. Mas o que significaria aquele “sub-”, em “sub-raquiano”? E, ainda, para quais espécies de peixes uma denominação tão genérica estaria apontando?

No *Aurélio* (1999), encontramos para “malacopterígio” a seguinte definição: “Adj. Zool. 1. Que tem barbatanas moles. [Diz-se dos peixes] 2. Pertencente ou relativo aos malacopterígios. S. m. 3. Espécime dos malacopterígios”, que remete, por sua vez, ao verbete subsequente, que também não é muito esclarecedor. “Malacopterígios. S. m. pl. Zool. Animais metazoários, cordados, vertebrados, peixes, osteíctes, cujos raios das nadadeiras são moles e formados por anéis encadeados”. Mas temos de convir que obtivemos avanços, com a sumária pesquisa: a sequência apresentada no dicionário Aurélio nos permitiu saber que se trata de peixes de nadadeiras moles, o que engloba animais pluricelulares, dotados de notocórdio, vertebrados, o que, no entanto, é ainda muito vago para justificar o uso especificador de um termo científico. Talvez se soubémos o que são “osteíctes”... Com efeito, neste outro verbete, encontramos pela primeira vez esclarecimento sobre o que são os osteíctes: são “as sardinhas, piasus, bagres, etc.” O que, contudo, ainda não nos parece muito específico, e pouco esclarecedor do sentido dos versos de Augusto. E como anteriormente, no *Dicionário Houaiss*, no *Aurélio* também não obtivemos resposta sobre o significado de “subraquiano”.

No cuidadoso glossário elaborado por Sérgio Matargão Gesteira (2000), há mais esclarecimento sobre o que seriam os sub-raquianos: “sub-raquianos, ou sub-raquidianos, uma das três ordens em que se classificam os malacopterígios, e que se caracteriza pelas nadadeiras ventrais pegadas sob os peitorais (as outras são os malacopterígios abdominais, e os ápodes)” (GESTEIRA, 2000, p. 291-292). Mas, com todo esse esclarecimento, na hora de dizermos o que são os malacopterígios sub-raquianos ainda não poderemos ir muito além daquele grupo tão diverso das “sardinhas, piasus, bagres, etc.”

Durante algum tempo pesquisamos sobre o sistema taxionômico que nos daria resposta sobre qual era o peixe sob a classificação apresentada por Augusto, mas em vão. A resposta nos viria, enfim, numa busca na *web*. Num *site* chileno sobre produtos de exportação, www.chilexport.com/marinos/pescados/turbot1.html, localizamos, sob o nome “malacopterígio subranquial”, uma fotografia de um espécime, com a seguinte observação:

El Turbot o llamado científicamente Pessetta Maxima, es un pez marino malacopterígio subranquial, de carne muy apreciada, el

cual habita en el Océano Atlántico en las profundidades del mar, su forma es casi circular, tiene ambos ojos en una cara del cuerpo, el cual les permite observar sin problemas todo su entorno, es de un color grisáceo-marrón, el cual cambia para aumentar su semejanza con su alrededor, mide alrededor de 100 cms., cuando alcanza su madurez.

Las épocas de mayor oferta se extienden durante todo el año, las características que definen su calidad es por su frescura y el color de la carne.

Uma foto encimando os dizeres mostra um peixe semelhante a um linguado, mais arredondado que o normal desta espécie encontrado nos mercados do Rio de Janeiro. A boca torta, os dois olhos de um mesmo lado do corpo achatado, o mais familiar peixe desta ordem para nós, brasileiros, é o que chamamos linguado. Identificado o malacopterígio subraquiano como sendo o linguado, as peças começaram a se encaixar na solução de mais esse pequeno enigma da poesia de Augusto. Mas a solução viria de uma junção heterodoxa de peças. Embora tenha um sabor admirável, é um peixe de aspecto estranho, parece deformado, uma espécie castigada, como diz o poema de Augusto. Mas o que desconhecíamos por completo é que existe uma explicação antiga e bastante difundida para essa estranheza, que é a provável fonte a que se reporta o poeta.

Ah! A Nossa Senhora

Há uma lenda, corrente de norte a sul do País ainda hoje entre pescadores, que conta que Nossa Senhora um dia chegou à beira-mar e perguntou a um peixe que ali estava se a maré estava baixa ou alta; o peixe, sem responder, teria remedado Nossa Senhora: “Seu peixe, a maré está baixa ou alta?”. Cada vez que Nossa Senhora insistia na pergunta, o peixe zombava, repetindo-a: “Seu peixe, a maré está baixa ou alta?”. Por fim, o peixe acabou sendo castigado, ficando com a boca torta, “virada pra trás”, razão pela qual os pescadores passaram a ter o linguado, o “enigmático” malacopterígio sub-raquiano, como peixe amaldiçoado. Isto nos conta o Doutor Wagner Neves Rocha, professor aposentado de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, acrescentando que era comum esse peixe ser por tal razão desprezado pelos pescadores.²

Assim, a explicação religiosa para a ausência de simetria bilateral dos linguados como um castigo vem ao encontro dos versos intrigantes de Augusto que aqui temos apontado: “E os malacopterygiós subrachianos / Que um castigo de especie emmudeceu”. Com o conhecimento dessa crendice popular sobre a natureza incomum dos linguados, podemos perceber o trabalho poético de superposição de estratos de diferentes procedências linguísticas, a colagem de componentes de linhas de pensamento bastante distintas. Neste poema “Allucinação á beira-mar” vemos, desse modo, a estreita associação entre a representação do científico, que em seu vocabulário traz uma especificação da morfologia do peixe, e a explicação religiosa de um cristianismo popular, que apresenta uma justificativa para a estranheza da espécie.

O fenômeno da assimetria bilateral dos linguados é ainda hoje intrigante para os biólogos.³ Os filhotes desses peixes nascem com simetria bilateral, mas, como depois desenvolvem o hábito de deitarem-se sobre o lado esquerdo, o processo de assimetria tem início. Experiências feitas no final do século XIX impedindo que os alevinos se deitassem sobre o fundo do aquário comprovaram que, sem essa ação, eles permaneciam, quando já adultos, com simetria bilateral. Segundo Haeckel, esta transformação somente poderia ser explicada por sua lei biogenética, a repetição rápida e abreviada na ontogenia dos caminhos da filogenia, e assim, para o autor, o caso do linguado seria “um exemplo notável da hereditariedade dos caracteres adquiridos, em consequência de um hábito ecológico constante” (HAECKEL, 1964, p. 179.). A explicação pelo castigo infligido por Nossa Senhora viria, então, a se superpor à de Haeckel, exemplificando o caráter de composição por misturas da poética de Augusto.

Filogenia e culpa

Se o naturalismo da poesia de Augusto tende mais ao surrealismo que ao realismo, até mesmo pela força daquilo que Pound chamaria fanopeia (POUND, 1970, p. 53), o próprio naturalismo dele, e aqui se tem um bom exemplo, tem seu tecido “furado” pela força de outra potência produtiva. O uso da palavra “alucinação” do título do poema se revela, por sua razão de ser, não sem ambiguidade. O científico e o religioso se interpenetram e se encaixam, mas o antagonismo somente pode ser compreendido se a força da imagem for tomada

como alucinação. Mas onde ela estaria atuando de modo efetivo, em qual dos lados do encaixe? Ou no próprio medo da morte, mencionado na abertura do poema, estaria a origem de toda a alucinação das imagens da natureza?

A impessoalidade da morte se estende na praia de Augusto. A diferença de natureza entre a explicação metafísica e o sistema de representação científica faz ressoar a distinção estoica entre as significações racionais e os acontecimentos, em sua incorporalidade, como sentido expresso. O acontecimento é o sentido expresso que propicia o jogo da representação, mas nele não está, conforme podemos ver na reflexão de Deleuze sobre o problema da moral no estoicismo:

La divination est au sens le plus général l'art des surfaces, des lignes et points singuliers qui y apparaissent; c'est pourquoi deux divins ne se regardent pas sans rire, d'un rire humoristique. (Sans doute faudrait-il distinguer deux opérations, la production d'une surface physique pour des lignes encore corporelles, images, empreintes ou représentations, et la traduction de celles-ci sur une surface "métaphysique" où ne jouent plus que les lignes incorporelles de l'événement pur, qui constitue le sens interprété de ces images) (DELEUZE, 2002, p.168).

A moral estoica oscilaria, conforme Deleuze assinala que nos teria mostrado Victor Goldschmidt, entre dois polos. De um lado, busca uma visão divina que reúne em profundidade todas as causas físicas entre si na unidade de um presente cósmico, atemporalidade que a "Beira-mar" de Augusto tão bem sugere, para extrair a adivinhação dos acontecimentos dali resultantes; de outro, em contrapartida, quer o acontecimento sem nenhuma interpretação, "usage des représentations" que acompanha a efetuação do acontecimento mesmo dentro do mais limitado presente, isto é, em outros termos: demarcação da diferença de natureza que há entre o sentido expresso tanto das representações sensíveis (designações), quanto das representações racionais (significações):

Cette différence de nature entre l'expression et la représentation, nous l'avons partout rencontrée, chaque fois que nous marquions la spécificité du sens ou de l'événement, son irréductibilité au désigné comme au signifié, sa neutralité par rapport au particulier comme au général, sa singularité impersonnelle et pré-individuelle (DELEUZE, 2002, p. 170).

O exemplo trabalhado a seguir por Deleuze nos interessa aqui particularmente. A morte somente pode ser percebida, ou possuir significação verdadeira, se na morte de um indivíduo estiver expressa a mortalidade impessoal e pré-individual que nele, naquele instante, se encarna. A morte, assim, está envolvida no corpo e se funda no homem à beira-mar, a lhe esfriar os pés, num futuro certo, mas ainda indefinido, “em [seu] destino!”; quando este *fatum* se der, então será o presente preciso do acontecimento morte daquele homem se efetuando, mas também uma contra-efetuação se realiza naquilo que o acontecimento tem de impessoal, de incorporal, de fundado somente em si mesmo, como uma “matemática”:

Par exemple, la perception de la mort comme état de chose et qualité, ou le concept de mortel comme prédicat de signification, restent extrinsèques (dénusés de sens) s'ils ne comprennent pas l'événement du mourir comme ce qui s'effectue dans l'un et s'exprime dans l'autre. [...] Savoir que nous sommes mortels est un savoir apodictique, mais vide et abstrait, que les morts effectives et successives ne suffisent certes pas à remplir adéquatement, tant qu'on n'appréhende pas le mourir comme événement impersonnel pourvu d'une structure problématique toujours ouverte (où et quand?) (DELEUZE, 2002, p. 170-171).

Morre-se, diz Maurice Blanchot em *L'Espace littéraire*, lembrado por Deleuze, com esse “se” (*on*, no francês) impessoal do acontecimento.

Não seria talvez muito preciso ver um estoicismo na poesia de Augusto dos Anjos, encontrar ali uma *ataraxia*, mas o que nos faz aproximá-lo da atitude estoica é a presença de um pensamento que trabalha com dois planos de ser, ou que desmembra o ser em dois planos, um superficial e um profundo, mesmo diante do paradoxo, acolhendo, pois, o paradoxal:

[Les Stoïciens distinguent] radicalement, ce que personne n'avait fait avant eux, deux plans d'être: d'une part l'être profond et réel, la force; d'autre part le plan des faits, qui se jouent à la surface de l'être, et qui constituent une multiplicité sans fin d'êtres incorporels (DELEUZE, 2002, p. 14).

Onde está o ponto de inserção de um no outro, do científico e do religioso cristão? A grande revolução cristã em contraposição ao judaísmo, a grande transgressão, é se tornar o cristianismo uma reli-

gião para todos, acabando com ideia de um povo eleito, com o que a Graça da eleição divina deixa de ser uma dádiva hereditária a um povo. Mas não ocorre o mesmo com a culpa adâmica. A culpa do pecado original é a grande transmissão hereditária que percorre toda a cadeia da evolução do homem. E, neste ponto, a hereditariedade biológica do transformismo de Haeckel faz rizoma com o cristianismo católico na poesia de Augusto: a culpa se torna o grande ponto de conexão dessas duas formas de pensamento. Assim, a culpa do malacopterígio desrespeitoso se torna o castigo para toda a espécie dos malacopterígios subraquianos, entranhando-se na ontogênese de cada linguado.

O sentimento de culpa e a consequente presença do castigo, bastante frequentes na poesia de Augusto dos Anjos, podem ser atribuídos a uma face da “pulsão de morte”, como faz Francisco José Gomes Correia (1992), num viés de leitura psicanalítico. Dentro da máquina poética de Augusto, no entanto, não se deve esquecer o que “Alucinação à beira-mar” nos faz lembrar: agem dois produtores de culpa na obra do poeta, a educação cristã e a filogenia a reproduzir na ontogenia o desvio e o erro de todas as raças. É o que se vê, por exemplo, na quarta estrofe do poema “Os doentes”: “E via em mim, coberto de desgraças, / O resultado de bilhões de raças / Que ha muitos annos desapareceram!” (ANJOS, 1977, p. 92) Do mesmo modo, na mistura da culpa católica com a permanência da hereditariedade filogenética, a “alma brasileira” traz em si a culpa do massacre dos indígenas praticado pela colonização europeia, por um lado, e a pecha da humilhação sofrida pelos povos indígenas, por outro:

Aquelle ruido obscuro de gagueira
Que a noite, em sonhos mórbidos, me acórda,
Vinha da vibração bruta da córda
Mais recondita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem
De que, naquelle instante, no Amazonas,
Fedia, entregue a visceras gluttonas
A carcassa esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na tába
Em que elle estava. O Genio de Colombo

Manchou de opprobrios a alma do *mazombo*,
Cuspiu na cóva do *morubichaba!*

E o indio, por fim, adstricto á ethnica escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,
Esse achicalhamento do progresso
Que o annullava na critica da Historia!

Como quem analysa uma apostema,
De repente, acordando na desgraça,
Viu toda a podridão de sua raça
Na tumba de Iracema!...

Ah! Tudo, como um lúgubre cyclone,
Exercia sobre elle acção funesta
Desde o desbravamento da floresta
Á ultrajante invenção do telephone.

E sentia-se peor que um vagabundo
Microcéphalo vil que a especie encerra,
Desterrado na sua propria terra,
Diminuido na chrónica do mundo!

A hereditariedade dessa pécha
Seguiria seus filhos. Dóra em deante
Seu povo tombaria agonisante
Na lueta da espingarda contra a flécha!

Veio-lhe então como á femea veem antojos,
Uma desesperada ancia improficua
De estrangular aquella gente iniqua
Que progredia sobre os seus despojos!

Mas, deante a xantochroide raça loura,
Jazem, caladas, todas as inubias,
E agora, sem difficeis nuanças dubias
Com uma clarividencia aterradora.

Em vez da prisca tribu e indiana tropa
A gente deste seculo, espantada,
Vê somente a caveira abandonada
De uma raça esmagada pela Europa!
(ANJOS, 1977, p. 96-97)

Sobre a morte, como plano de fundo, a culpa forma o sentido expresso na alucinação à beira-mar, que nos diz do entrelace do cristianismo popular com a representação científica, caricaturada numa nomenclatura em que aquele é o que age na profundidade como lei. Operando, desse modo, superposições inesperadas para uma lógica filosófica ou científica, Augusto articula uma lógica poética heterogênea na composição de sua máquina literária. Maria Helena Varela, refletindo sobre uma tendência da razão nos países de língua portuguesa, denomina-o de *heterologos*, o que bem aqui pode ser visto, ou, nas palavras do poeta, “hierático areópago heterogêneo”.

Trata-se, pois, de assumir a razão em língua portuguesa, nem transviada, nem adiada, mas, sem cessar, recriada nos seus desvios e metamorfoses, viagens e mestiçagens, como um *logos* mais *edificante* do que *sistemático*, mais *poético* do que *noético*. Pensamento heterodoxo e impuro, plural e mestiço, vagueando entre as margens do *mythos* e do *logos*, ousamos designá-lo de *heterologos*, a terceira margem do *logos* (VARELA, 1996, p. 19-20).

Alucinação

Mas ainda aqui não demos resposta à questão central: o que se caracterizaria como alucinação no poema? Sentimos que a deixamos mais entrevista que vista. Retomemos o poema:

Um medo de morrer meus pés esfriava.
Noite alta. Ante o tellurico recórte,
Na diuturna discordia, a equorea cohorte
Atordoadamente ribombava!

Eu ególatra scéptico, scismava
Em meu destino!... O vento estava forte
E aquella mathematica da Morte
Com os seus numeros negros, me assombrava!

Mas a alga usufrutuaria dos oceanos
E os malacopterygios subrachianos
Que um castigo de especie emmudeceu,

No eterno horror das convulsões maritimas
Pareciam tambem corpos de victimas
Condemnadas á Morte, assim como eu!
(ANJOS, 1977, p. 128)

Voltemos ao “mas” que abre a segunda parte do soneto. Ele vem logo após o definir-se da voz do poema como um “eu ególatra e céptico” assombrado pelo pensamento da morte; o a conjunção referida é a chave para o “descentramento” do poema, sendo muito mais que isto também.

O eu poético está em meio ao vento e diante da presença do mar, duas forças da natureza que envolvem numa profundidade que não se distingue de sua superfície. Não há gota no mar, não há partícula de ar que seja a da profundidade e não possa ser a da superfície ao mesmo tempo. Puras grandezas intensivas, na verdade um copo de água colhida do mar e um saco plástico cheio de ar não são parcelas, mas uma extensão do mar ou do vento. O mar e o vento são forças do indiferenciado, e mais, são acontecimentos em sua singularidade. É esta singularidade que surge no poema e alimenta o vislumbrar da alucinação, fundo das águas que irrompe ribombando na costa da praia e nos sentidos do homem. A matemática da morte que se mostra através da força do vento é o que lhe esfriava os pés. A força de acontecimentos que a tudo arrasta revela a fraqueza das formas individuadas, e por isso o homem à beira-mar do poema sente a presença da morte. As convulsões marítimas transformam o fundo em superfície, as formas individuadas se reviram em seu caráter pré-individual: “Le moi du poète lyrique élève la voix du fond de l’abîme de l’être, sa subjectivité est pure imagination” (DELEUZE, 2002, p. 166), nos diz Nietzsche, na *Origem da tragédia*, lembrado por Deleuze. Mas é num ponto além da dualidade entre o apolíneo das formas e o fundo indiferenciado dionisíaco que Deleuze encontra a singularidade do pré-individual. Há uma espécie de solução fácil para a leitura da poesia de Augusto dos Anjos, que é encontrar a unidade, mesmo a unidade da “intuição monística”, na morte, mas não é verdadeiramente isto, acontecimento final, que une os vivos: é que, na própria vida, há esse instante “aberto” a todas as possibilidades, que está, sim, na singularidade pré-individual das moneras, porém, mais do que isso, há aquela potência pré-individual que se encontra manifesta na teoria haeckeliana da gastreetação.

Seria fácil também apontar para a narrativa em torno do linguado e de Nossa Senhora, para dizer “isto é uma alucinação, uma narrativa alucinada”. Como seria fácil identificar a alucinação na relação entre a forma de vida tão sofisticada de um eu que pensa e se

pensa, que tem consciência de si, e a das algas e dos linguados, relação que se estabelece nos dois tercetos finais, em que se sugere um sofrimento daqueles seres subaquáticos. No próprio paradigma científico de Augusto, por sinal, está muito explícita também a raiz dessa relação.

No grau mais primitivo da vida orgânica, encontramos já, em todos os protistas, esses sentimentos elementares de prazer e pena, que se manifestam pelo que se chama os seus *tropismos*, na sua *procura* da luz e da escuridão, do calor ou do frio, na sua “atitude variável a respeito da eletricidade positiva e negativa (HAECKEL, 1908, p.145), enquanto, “[n]o grau superior da vida psychica, encontramos, pelo contrario, no homem civilisado, essas infimas nuances de sentimento, esses tons degradados do extasi e do horror, do amor e do odio, que são as molas da historia e a mina inexgotavel da poesia (HAECKEL, 1908, p. 145). E, quanto ao fio-relação que une os dois extremos das formas individuadas, a partir das duas pontas assim o filósofo o caracteriza:

E todavia estes estados elementares mais primitivos do sentimento, realizados no *psychoplasma* dos Protistas monocellulares, são ligados por uma cadeia continua, feita de todos os intermediarios imaginaveis, ás formas superiores da paixão humana, cuja séde está nas cellulas ganglionares do cortex cerebral (HAECKEL, 1908, p. 145).

As formas menos complexas das algas e dos linguados, assim, estariam a sofrer tanto quanto e da mesma forma que o eu à beiramar. Augusto retoma, de modo didático, no sétimo quarteto de “Mysterios de um Phosphoro”, a teoria haeckeliana da gastreação, dentro do vocabulário próprio inteiramente encontrado em *Os enygmas do universo*: “E afógo mentalmente os olhos fundos / Na amorphia da cytula inicial, / De onde por epigénese geral / Todos os organismos são oriundos” (ANJOS, 1977, p. 153).

É assim a partir da sua teoria gastriana que Haeckel se permite tecer estes paralelos. Ao tirar o homem do centro do universo, ele findava por multiplicar espelhos para os olhos dos homens em todas as formas da natureza. Foi a partir da observação da morfologia embrionária que ele chegou àquela teorização. Ele observara que, após a fecundação do ovo, quando não se encontram senão os dois folhetos primitivos, o corpo em forma de taça com duas camadas, tem-se

uma forma comum a todos os metazoários, a todos os indivíduos pluricelulares:

D'esta identidade, d'este homologia da gastrula em todas as classes e subdivisões do grupo dos Métazoários, tirei, eu, em virtude da grande lei biogenética a conclusão seguinte: *todos os Métazoários derivam primitivamente d'uma forma ancestral commum, a gastréa* (HAECKEL, 1908, p. 69).

O que traça a linha que vai do eu que cisma ao malacopterígio e à alga não é a dissolução total do fundo indiferenciado, não apenas; são os traços plenos de possibilidades do pré-individual.

A explicação da narrativa científica pode ser vista como uma alucinação; a visão científica da narrativa haeckeliana da formação embrionária para justificar a relação entre aqueles seres pode ser vista como alucinação; as duas juntas podem trabalhar para produzir toda aquela “alucinação à beira-mar”.

Mas há outros componentes na poesia de Augusto que podem responder melhor essa pergunta. Para o budismo, tantas vezes referido nos poemas do *Eu*, o que chamamos de “eu” não existe. De modo semelhante, para Schopenhauer, a própria forma viva é uma ilusão criada pela representação da vontade, como nos diz Clément Rosset, “‘Vivre’ est même une illusion de la représentation, dans la mesure où l'idée de vie semble véhiculer avec elle une notion de modification, contredite par le principe de répétition” (ROSSET, 2001, p. 52). Ou como o próprio Augusto vê a realidade na segunda estrofe do “Poema negro”, de 1906, após a série de perguntas ontológicas:

A passagem dos seculos me assombra.
 Para onde irá correndo minha sombra
 Nesse cavallo de electricidade?!
 Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:
 – Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?
 E parece-me um sonho a realidade.
 (ANJOS, 1977, p. 135)

Por este viés de leitura, a literalidade do título do poema é estarrecedora: o que está à beira-mar é que é a alucinação no poema “Alucinação à beira-mar”, o “Eu ególatra céptico”. E, ao assim constarmos, já não estamos mais puramente naquele decalque (em si tão cheio de misturas) de Haeckel ou do positivismo de Spencer, em que

a fórmula da individuação orgânica e do eu subjetivo se encontram tão colados: o cientificismo, na poesia de Augusto dos Anjos, é que já está há muito desterritorializado, ou, em outros termos, já está profundamente transformado por outros territórios, em que se conectou num rizoma.

ABSTRACT

The article focuses on the analysis of the poem “Alucinação à beira-mar” (Hallucination by the sea-side). It aims at demonstrating how two antagonistic fields of discourse, i.e., scientific and folk-religious, shift meaning territories in an exemplary way so as to give us a glimpse of the “transfer-like” poetics of Augusto dos Anjos, which anticipates the *bricolage* usage.

KEY-WORDS: Augusto dos Anjos; modern poetics; scientific poetry; Brazilian symbolism

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. *Poesia e prosa*. Edição crítica de Zenir Campos Reis. São Paulo: Ática, 1977.
- AURÉLIO século XXI; o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CORREIA, Francisco José Gomes. *O desânimo negro em Eu e outras poesias*; sobre a representação literária da melancolia em Augusto dos Anjos. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1992. Tese de doutorado.
- DELEUZE, Gilles. *Proust et les signes*. Paris: P.U.F., 1998.
- . *Logique du sens*. Paris: Minuit, 2002.
- DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GESTEIRA, Sérgio Fuzeira Matargão. *A carne da ruína*; sobre a representação do excesso em Augusto dos Anjos. João Pessoa: UFPB / Ed. Universitária; São Luís: Ed. da UFMA, 2000.
- HAECKEL, Ernest. *Os enygmas do universo*. Porto: Livraria Chardron, 1908.
- . *As maravilhas da vida*. Porto: Lello e Irmão, 1964.
- NEVILLE, Anthony Charles. Problemas de simetria e de assimetria nos ani-

mais. In: DUNCAN, Ronald e WESTON-SMITH, Miranda, org. *A enciclopédia da ignorância*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981. p. 385-392.

POUND, Ezra. *ABC de literatura*. São Paulo: Cultrix, 1970.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

QUEIROZ, Mario Cesar Newman de. *Como os poetas morrem?: produção de subjetividade plural na poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004. Tese de doutorado.

ROSSET, Clément. *Écrits sur Schopenhauer*. Paris: P.U.F., 2001.

VARELA, Maria Helena. *O heterologos em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1996.

www.chilexport.com/marinos/pescados/turbot1.html

NOTAS

¹ Consideramos aqui vocábulos científicos e filosóficos mais frequentes no linguajar comum termos como, por exemplo, “meteorito”, “cérebro”, “substância”, “alga”, vocábulos que, por amplo emprego no cotidiano, não se caracterizam como pertencentes exclusivos de um vocabulário técnico.

² Tivemos a oportunidade de confirmar esta narrativa ao indagar sobre a lenda do linguado ao Sr. Arino da Silva, o Seu Arino, pescador de Arraial do Cabo (RJ), que a reproduziu quase nos mesmos termos.

³ Conforme podemos ver na *Enciclopédia da ignorância* – curiosa concepção enciclopédica que procura apontar perguntas ainda sem resposta para as ciências –, no verbete “O problema de simetria e de assimetria nos animais”, assinado por Anthony Charles Nevile.

Recebido em: 31/05/2014.

Aceito em: 30/06/2014.